

Sessão nº 7 \* 21 de Outubro de 2008

«A jacobea: fundamentos doutrinários e reforma clerical em setecentos»  
(Zulmira Santos - Universidade do Porto)

## APRESENTAÇÃO

O assunto que hoje nos convoca, por comparação com sessões pretéritas, implica continuidades e mudanças de perspectiva. Quanto às primeiras destaco que, em relação à última sessão, e na senda de outras anteriores, continuamos a focalizar a formação do clero. Agora, todavia, não sob a perspectiva das instâncias onde essa aprendizagem se fazia, mas antes dos modelos que a inspiraram. Hoje para tentar aferir o impacto que nesse plano teve uma corrente ou movimento, como lhe queiramos chamar, conhecido por jacobea. Se alguma originalidade existe no assunto que propusemos à consideração da Doutora Zulmira Santos, é precisamente esta articulação entre um movimento de renovação espiritual e religiosa e os efeitos que terá tido na formação e prática clerical do seu tempo.

Quanto às mudanças saliento a cronologia da abordagem, que nos faz transitar dos séculos XVI e XVII, por onde até agora quase sempre peregrinámos, para a centúria de Setecentos. De facto, e com algum espírito de auto-crítica, o seminário deste ano privilegiou a primeira Idade Moderna, descurando o século XVIII. Talvez porque o clero foi mais importante enquanto corpo social nessa altura, porque a Igreja era, sem dúvida, mais influente e poderosa em 500 do que em finais de 700, e também por causa das normativas determinadas pelo Concílio de Trento. É que o Concílio tende a constituir-se como força centrípeta em todo o historiador da religião e da Igreja no Ocidente Europeu no período Moderno.

Mas o que foi a jacobea? Sem querer retirar espaço à intervenção da nossa convidada de hoje, que abordará o assunto mais detidamente, e utilizando uma enunciação sintetizadora, diria que se tratou de um movimento de reforma ou renovação da vida religiosa, iniciado no Colégio da Graça de Coimbra, nos inícios do século XVIII, por acção de frei Francisco da Anunciação, e que depois se expandiu por muitos cenóbios de outras ordens regulares. Os seus princípios eram o propósito de fazer observar escrupulosamente os preceitos religiosos do catolicismo, tanto ao nível do clero como entre os seculares, adequar os costumes das populações à ética

cristã, aprofundar uma piedade mais espiritual e interior do que ritualista. Para tanto, estimulava a prática quotidiana da oração mental, o regular exame individual da consciência, a correcção fraterna dos que pecavam, a frequência dos sacramentos (com particular destaque para a confissão), a mortificação dos vícios e das paixões desordenadas, os jejuns, o desprezo do mundo, a pobreza no vestir e a frugalidade no comer. Em todo este projecto era dada destacadíssima ênfase à formação e conduta do clero, tanto regular como secular, corpo que era tido como o suporte desta ofensiva de morigeração da vida religiosa e moral do Reino.

Num dos textos saídos da pena de frei Francisco da Anunciação, o célebre *Vindicias da virtude, e escarmento de virtuosos, nos publicos castigos dos hypocritas dados pelo Tribunal do Santo Officio* (Lisboa: 1702) pode detectar-se o padrão do que ele entendia por vida espiritual e do rigorismo dos caminhos propostos. Não resisto a ler-vos um breve passo, bem elucidativo de que esta era uma via difícil, quando não utópica: “Vida espiritual é um exercicio de boas obras com que servimos a Deus por amor de Deus e aproveitamos na virtude e santidade. Os exercicios fundamentais desta vida são oração mental quotidiana, exames de consciencia, frequencia possivel de sacramentos, sobre que assentao outros nao menos uteis que louvaveis, como são presença de Deus, jaculatorias, mortificações de vicios, abnegação da propria vontade e outros actos de virtudes diversos” (...)

E pouco adiante, prossegue, esclarecendo como se devia padronizar a vida do crente. O cristão devia principiari por escolher um confessor e depois "A noite (comecemos por aqui), antes de se recolher ao leito faz exame de consciencia em que chama a juizo todas as suas potencias para saber o mal e o bem que fizeram e deixaram de fazer. Aqui se confunde, acusa, repreende e arrepende das faltas, descuidos e negligencias cometidas; do bem que fez dá graças a Deus, propõe aumentá-lo e viver no dia seguinte mais cuidadosa do seu aproveitamento. Prepara (lendo se sabe, senao com a considerção) um ponto da Paixão do Senhor, ou de outra alguma verdade católica, e.g do inferno, do juizo, da morte etc, para a oração do outro dia. Deita-se e adormece com estas considerações (e que boas) e com outras santas invenções, que lhe inspira a devoção, o fervor e costume. Pela manha levanta-se á hora competente, trás logo, mal acorda, à memória o ponto à noite preparado, dá graças a Deus, encomenda-se ao seu Anjo da Guarda, invoca os santos da sua devoção, toma alguns por especiais patronos do dia, começa

enfim a sua oração mental: entra o entendimento, meditando, considerando, discorrendo, ponderando, persuadindo com razões, argumentos, discursos, que cava para inclinar a vontade a fugir o mal do vício e a abraçar o bem da virtude. Ao entendimento segue logo a vontade forjando emoções, afectos, propósitos, resoluções, ternuras e outros actos, ou a que se vê mais inclinada com a eficácia dos desenganos, ou os que mais necessários lhe são para arreigar a virtude que mais ansiosamente procura, e desarreigar o vício que lhe faz maior guerra. Ajunta petições, acções de graças, oferecimentos com que toda se consagra a Deus e resigna nas suas mãos." p. 15-16 (...) Depois disto deve fazer as obrigações do seu estado e "Nos tempos determinados segundo a distribuição fixa das horas, faz entre dia outro exame da consciência e toma outro espaço de oração, reza as suas devoções vocais, especialmente a N. Senhora e assim vai de dia em dia formando nesta vale de lágrimas uma escada para chegar ao Céu" p. 16 "Este é o debuxo tosco da vida que fazem, ou procuram fazer, as pessoas que mais deveras se querem salvar".

Este movimento alcançou a corte régia no tempo de D. João V, sobretudo por acção de uma figura que teve papel decisivo no aconselhamento e orientação das políticas régias relativas à Igreja e ao episcopado. Refiro-me a frei Gaspar da Encarnação, também ele um jacobeu. E, por esta via, teve enorme impacto na escolha dos bispos em Portugal a partir do início da década de 20 do século XVIII, alterando de forma radical o padrão da política de eleição episcopal da Coroa. A principal e mais determinante mudança foi que nesta fase passou a imperar uma lógica e cultura de escolha do episcopado mais baseada em critérios religiosos do que políticos, o que implicou uma profunda renovação do corpo do episcopado. Começaram a preferir-se para ocupar as mitras clérigos regulares, teólogos, bons letrados, recrutados entre os institutos religiosos nos quais a renovação jacobea era mais vigorosa, como os eremitas de Santo Agostinho, franciscanos do Varatojo, cónegos regrantes de Santa Cruz, cistercienses, beneditinos, por norma, homens de grande piedade e virtude estribada em exemplares condutas de vida. Este programa contribuiu para o que se poderia designar por uma clericalização dos bispos e implicou a retracção da escolha de prelados seculares e canonistas. Procurou ainda a fixação dos antístites por mais tempo nas suas dioceses, episcopados mais duradouros, contribuindo desta forma, em tese, para melhorar a capacidade que teriam de conhecer e governar as respectivas mitras.

O conhecimento desta corrente ou movimento levanta muitas questões.

Desde logo a de saber se constituiu uma originalidade portuguesa, ou se teve vinculações a correntes oriundas de fora?

Zulmira Santos já sugeriu que no pensamento do eremita de Santo Agostinho e fundador da jacobea, frei Francisco da Anunciação, se podem detectar “laivos de teor jansenizante”, como eram um rigorismo denunciador de uma visão pessimista da salvação, o temor de Deus, a necessidade incontornável de o crente ser acompanhado por um director espiritual.

Outra questão é a de saber qual a abrangência que alcançou a corrente. Foi sobretudo permeável entre o clero regular, onde nasceu? ou afectou também o secular? E porque vias ou caminhos se fez essa “contaminação”?

Pertinente é ainda apurar que ligações houve entre esta jacobea e o sigilismo, o qual foi centro de grandes controvérsias em Portugal, a partir dos anos 40 de Setecentos, colocando em campos opostos uma facção de bispos contra a Inquisição e que mais tarde estará associada à perseguição de Carvalho e Melo ao bispo de Coimbra D. Miguel da Anunciação.

Como interessante é conhecer os detractores e formas de ataque de que o movimento foi alvo. Note-se que a corrente teve também encarniçados opositores, os quais consideravam que os jacobeus eram uns hipócritas que, com os seus falsos modos, apenas pretendiam e conseguiram granjear o valimento na Igreja e no Paço Real. Em texto anónimo, setecentista, de entre os muitos que sobre esta matéria se escreveram, pode ler-se, a este respeito: “veyo a conhecer-se era nelles [nos jacobeus] a modestia industria, a mortificação laço para o engano, a mancião disfarce, a piedade capa do odio, a gravidade vangloria, a izenção traça de adquirir e o desprezo do Mundo meyo de logra-lo”, (Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Retrato da jacobea, tirado pellos originaes de varios hereges, sendo as tintas os seus costumes e as sombras o fingimento na copia e no original, Manuscrito 142, p. 243.)

A historiografia tem abordado muitos destes problemas. Desde o clássico desta questão, refiro-me ao volumoso e profundo estudo de António Pereira da Silva, ainda hoje incortornável, intitulado *A questão do sigilismo em Portugal no século XVIII. História, religião e política nos reinados de D. João V e de D. José I* (1964) e mais recentemente aos contributos de Evergton Sales Souza, com o seu *Jansénisme et réforme de l'Église dans l'empire portugais 1640 à 1790* (2004), no qual o autor não deixa de sublinhar a importância que o pensamento jansenista teve em Portugal e o impacto da jacobea na acção

reformadora da Igreja nos territórios do império. De permeio há contributos valiosos de Zília Osório de Castro, Pedro Vilas Boas Tavares e, naturalmente, da nossa convidada de hoje, Zulmira Santos. Ou ainda de uma recente tese de mestrado, defendida na Univ. do Porto por Helena Queirós, sobre a vida de uma religiosa bracarense, Josefa Maria da Trindade, que foi dirigida espiritual de frei Luís de Santa Teresa, um carmelita descalço, jacobeu, que viria a ser bispo de Olinda.

Considerada globalmente, e com excepção deste último trabalho que referi, diria que a análise historiográfica do movimento se tem centrado mais nos seus fundamentos doutrinários ou ideológicos e nas articulações com a subsequente questão do sigilismo, do que nos impactos concretos que teve, não só entre o clero, como junto dos fiéis. Neste domínio creio que haverá ainda muita pesquisa por efectuar, tanto mais que se sabe que entre 1720 e 1750 foram nomeados imensos bispos jacobeus para governar dioceses, os quais não deixaram de tentar aplicar os ideais que os inspiravam, com apoio do rei e de quem junto dele muito podia, refiro-me, de novo, a Gaspar da Encarnação.

Felizmente, pode dizer-se que há um fantástico fervilhar de ideias e de novos projectos, quase todos centrados na acção concreta de alguns bispos ligados à corrente, estando em curso muitas pesquisas de doutoramento que a breve trecho nos poderão vir a esclarecer sobre esta matéria.

Refirmo-me aos de Ana Ruas Alves, doutoranda da Universidade de Coimbra, relativo ao arcebispo de Goa e bispo do Algarve D. Inácio de Santa Teresa, que foi o chefe de fila deste movimento ao nível do episcopado. À dissertação de doutoramento de Cristina Trindade, que aborda o bispo do Funchal D. frei Manuel Coutinho. E ainda a Patrícia Santos, da Universidade de São Paulo, que prepara doutoramento onde ocupa lugar de destaque o bispo do Maranhão e 1º prelado de Mariana, D. frei Manuel da Cruz.

Note-se que todas podem contar com excelentes e raras fontes documentais: um copiadador com centenas de cartas de Fr. Manuel da Cruz, muitas delas dirigidas a frei Gaspar da Encarnação. Um *Memórias dos acontecimentos ocorridos no episcopado do bispo do Funchal D. Frei Manuel Coutinho, 1725-1738*, códice existente no Arquivo da Cúria Episcopal do Funchal e uma grande colecção de cartas, pastorais, textos da autoria do arcebispo bispo D. frei Inácio de Santa Teresa, do qual também existe uma *Vida* de centenas de páginas escrita por um seu apologeta.

Eu próprio, tenho dedicado alguma atenção a um dos bispos jacobeus, o

carmelita D. frei Luís de Santa Teresa, prelado de Olinda. Sobre a actuação dele já escrevi que, se o seu exemplo poder ser tomado por padrão, fica evidente : “que as políticas seguidas pelos bispos ligados à jacobea, que pretenderam a utopia de criar uma sociedade erradicada de pecado e santa, através do seu exemplo e de um rigoroso governo das dioceses, acabaram por gerar mais problemas e resistências do que soluções.”

Veremos se os estudos em curso confirmam ou desmentem esta asserção. E agora ouçamos o que sobre este tão importante assunto para compreender a vida do clero português da primeira metade de setecentos nos trás a Doutora Zulmira Santos.

*José Pedro Paiva*